

L E T R A S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano 1 nº 07 Brasília, 08 de outubro de 1999

Câmara
homenageia
Pompeu de Sousa

Em tempo de Primavera

Rioke lança **Cultura Capital**

Valéria Velasco

“O medo ameaça o DF”

■ Jaime de Almeida

O Espírito Santo na História da festa

No presente artigo, o professor Jaime de Almeida investiga os antecedentes históricos das festas cristãs, especialmente as da nova era do Espírito Santo em suas origens e manifestações medievais.

O calendário cristão contém elementos do calendário judaico e romano, com alguns acréscimos germânicos e celtas. O núcleo central porém se constituiu, obviamente, a partir do ano judaico, com as festas da Páscoa, tradicionais, e Pentecostes, cristãs. Entre o ano lunar judaico e o ano solar romano, a Igreja adotou o meio-termo, enquadrando a data móvel da Páscoa entre dois extremos fixos.

As diversas épocas da vida religiosa pré-cristã sobreviveram longamente, no entanto, sob a forma de festas populares, indiferentes ao novo calendário imperial cristão. A atitude da Igreja diante destas festas pagãs teria sido, num primeiro momento, ditada pelas necessidades internas do culto. A Igreja estaria, de maneira geral, se adaptando inconscientemente à celebração das diversas épocas da vida social de então. O motivo consciente e dominante na preocupação pelas festas litúrgicas teria sido, à época, a intenção de comemorar os atos da vida de Cristo e da família divina e de organizar os rituais.

Num segundo momento, o calendário litúrgico se expandiu progressivamente. Criou-se expressamente uma festa eclesial, para substituir as calendas de janeiro; as festas da Cathedra Petri (18 de janeiro e 22 de fevereiro) parecem ter sido instituídas para sobrepor-se às Parentalia, de fevereiro; a Litanias Minor, de 25 de abril, substituiu as Robigalia. Enfim, o Natal fixou-se no dia da celebração do Natalis Solis Invicti, assimilando Cristo ao Sol (e, eventualmente, ao imperador). Daí em diante, as festas da liturgia cristã se multiplicam atingindo praticamente todos os domínios da sociedade e da natureza. O apogeu dessa expansão ocorreu no século XVII.

Mas, o protagonista privilegiado deste processo teria sido o cle-

ro, ou, melhor ainda, o alto clero letrado?

As festas não se criam nem se suprimem em obediência estrita à lógica dos teólogos. Frequentemente, sob uma aparência de imobilidade perpetuada pela tradição, um conflito ancestral permanece latente. É como se coubesse à festa manter a memória de um combate decisivo, reafirmando o controle sobre uma alternativa outra que, não tendo sido totalmente erradicada, também reaparece em cada comemoração.

O estabelecimento da festa de Corpus Christi, por exemplo, em 1264, tem sido explicado pela necessidade de intensificar a comemoração da Eucaristia, completando a liturgia da Quinta-Feira Santa. Ora, é bem sabido que as festas medievais eram organizadas por confrarias, que geralmente correspondem aos vários ofícios. Há indicações de que esta nova festa foi, desde o início, organizada e apropriada pelas corporações dos ofícios mais ricos e pelo patriciado urbano. Algum tempo mais tarde, no século XV, as Entradas Régias, dos soberanos interessados na aliança com as cidades contra os barões feudais, buscaram seu modelo na procissão de Corpus Christi e nos antigos triunfos romanos.

Por outro lado, os estudos do contexto social do século XIII permitem supor que a festa de Corpus Christi — corpo e sangue — deve ter sido instaurada com a finalidade de marcar uma clara oposição à festa de Pentecostes — espírito — que se comemora apenas poucos dias antes.

— As Festas do Espírito Santo —

A representação do Espírito Santo na ortodoxia se definira com o Concílio de Nicéia (em 325), quando a organização eclesial tornou-se suficientemente complexa e estável para



Gravura florentina, 1470-80, mostrando o homem orgulhoso jogado à destruição e o humilde elevado ao céu

considerar inúteis as manifestações individuais e espontâneas que caracterizavam a vivência dos cristãos desde o tempo dos apóstolos. A vida do crente e da Igreja eram até então a luta entre forças sobrenaturais rivais. O fiel, rodeado por legiões de gênios maus empenhados em comprometer sua salvação, protegia-se graças às operações do Espírito Santo, que residia na comunidade cristã da mesma forma como os demônios residiam entre os não-cristãos. Todas as entidades das demais crenças eram declaradas demoníacas, somando-se à já numerosa corte de demônios herdados do judaísmo.

À época operações religiosas dos pagãos eram rigorosamente equivalentes àquelas dos cristãos, não cabendo, nos primeiros séculos, distinção entre fenômenos divinos e fenômenos demoníacos: as manifestações "pneumáticas" (do grego pneuma, espírito: visões, sonhos, profecias, glossolalia, etc) eram — e são — desordens psíquicas ou físicas individuais, disciplinadas por meio de categorias sociais e atribuídas a forças sobrenaturais.

A linha convencional que diferenciava a ação dos demônios da operação do Espírito Santo correspondia exatamente à fronteira entre as comunidades hostis. O Espírito Santo designava, portanto, a alma social, o princípio de unidade, coesão e resistência da comunidade cristã que se constituía sob rígida disciplina imposta pelos patriarcas, a princípio, e depois pelo clero imperial, desde a conversão de Constantino.

Muitas eram as representações do Espírito Santo nos textos san-

tos: o vento, o fogo, a água, chuva e orvalho, o hálito, nuvem, pomba, uma voz, um selo, línguas de fogo. A adoção da imagem da pomba (associada ao batismo de Cristo) em detrimento da forma explicitamente relacionada com Pentecostes (as línguas de fogo), terá sido uma precaução consciente por parte da hierarquia da Igreja, visando evitar o perigo de contaminação dos fiéis pela gnose maniqueísta, na qual, o dualismo luz/trevas é uma das articulações centrais. É notável aliás a coincidência formal entre o Terceiro Tempo da escatologia de Maniqueu (215-276) e o Mundo Novo, era do Espírito Santo, profetizado por Joaquim de Fiore e Geraldo de Borgo San Donnino, em plena época da heresia catarista.

— O Mundo Novo e a Era do Espírito —

Joaquim de Fiore, calabrés, divulgou sua mensagem entre os anos 1190, quando abandonou a abadia de Corezzo e fundou uma nova ordem monástica em San Giovanni, Fiore, em 1202, quando ali faleceu em odor de santidade, suspeito de heresia pelo papa. Suas profecias foram retomadas

em 1254 pelo monge Geraldo de Borgo San Donnino, autor da Introdução ao Evangelho Eterno, prontamente contestado pela alta hierarquia da Igreja. O fiorismo, esse milenarismo de uma nova era mais igualitária, ecoou profundamente entre os franciscanos e outras ordens menores, expressando e legitimando anseios da comunidade camponesa e dos ofícios plebeus urbanos, especialmente após a morte de Frederico II, quando as guerras civis ensanguentavam a Itália dividida entre guelfos e gibelinos. A expectativa da terceira idade do mundo se confundia muitas vezes com a confiança na chegada iminente de um Imperador que derrubaria Roma e seus falsos profetas.

As turbas de flagelantes, vagando a esmo pelas estradas, abandonando o trabalho e divulgando notícias de milagres — o Cristo enchendo milagrosamente de pão o cesto vazio de um pobre camponês, por exemplo —, foram prontamente condenadas pelo Concílio de Lyon (1274), e tenderam à radicalização no final do século sob a liderança de Frei Dolcino. Desde o século XIII certas confrarias do Espírito Santo, como a de Marselha, foram o fermento de uma ação cidadã com propósitos globais, comunitários, plebeus, artesanais, revolucionários; e isto sob o patrocínio utópico da 3ª Pessoa, a mais coletivista e futurista da Santíssima Trindade.

Assim, não poderia tratar-se de uma simples coincidência a instituição da festa de Corpus Christi por Urbano IV, em 1264 com farta distribuição de indulgências, exatamente quando havia, na Itália e em suas fronteiras, esta enorme expectativa pelo mundo novo, a nova era do Espírito Santo, que viria superar as limitações da era do Filho a partir de 1260. É curioso notar que neste mesmo século XIII a Igreja começa a fixar e subordinar o carnaval à quaresma.

A repressão contra os fioristas, apóstolicos e dolcianos provocou a difusão de suas idéias para outras regiões da Europa; daí, provavelmente, as nítidas características redistributivistas assumidas pela festa do Divino Espírito Santo em Portugal, desde o século XIV, quando a rainha Santa Isabel teria sido fortemente influenciada por um sonho.

Encerramos aqui esta pequena "arqueologia" da festa do Divino Espírito Santo. Numa segunda parte, focalizaremos a sua história, de Portugal e Açores ao Brasil.

Jaime de Almeida é professor do Dept. de História da UnB

Bibliografia

- AMARGIER, P. "Sur la Confrérie du Saint Esprit au Moyen Age" in Cahiers de Fanjeaux vol II, 1976.
 ELLADE, Mircea. História das crenças e das idéias religiosas. RJ, Zahar, 1979.
 HUBERT, H. resenhas de: KELLNER, K.A.H. Heortologie oder das Kirchenjahr und die Heiligenfest in ihrer geschichtlichen Entwicklung, e WEINEL, Heinrich. Die Wirkungen des Geistes und der Gelster im nachapostolischen Zeitalter bis auf Irinaeus, in L'Année Sociologique, anos 6 (1901-02) e 4 (1899-1900).
 KNOWLES, D. & BOLENSKY, D. Nova História da Igreja. Petrópolis, Vozes, 1974.
 VOLPE, G. Movimenti religiosi e sette clericali. Florença, Sanson, 1971.